Sumário

Atividades desenvolvidas	02
Psicografia	03
Cantinho do Chico	03
Programação Doutrinária	04
Estudo Sistematizado da Doutrina	04
Calendário de Efemérides	05
Mensagem Espírita	05

Explorando a Revista Espírita	06 a 13
Passatempo Espírita	14
Poesia Espírita	15
Pérolas do Evangelho	15
Personalidade Espírita do Mês	16 e 17
Joanna de Ângelis Responde	17

EDITORIAL

Como espíritas sabemos que a morte é apenas a destruição do envoltório corporal, que a alma abandona, como o faz a borboleta com a crisálida, conservando, porém, seu corpo fluídico ou perispírito.

Como nos diz **Joanna de Ângelis** na obra psicografada por Divaldo P. Franco e intitulada "Dias Gloriosos", capítulo 11, p. 97 / 98: *"Felizmente, a Medicina concluiu que a morte real é a que decorre da inutilização do tronco encefálico e não mais apenas a aparente dos neurônios cerebrais (...)".*

E mais adiante diz: *"A interrupção dos batimentos cardíacos e a consequente destruição do tronco encefálico é que caracterizarão a separação da alma do seu invólucro material, ocorrência, portanto, propiciatória da morte do último."*

Atualmente, a lei nº 9.434, de 04/02/1997 estabelece o critério para definição do momento da morte, conforme a clara redação do artigo 3º que aqui vale transcrever: *Art. 3º. A retirada post mortem de tecidos, órgãos ou partes do corpo humano destinados a transplante ou tratamento deverá ser precedida de diagnóstico de* **morte encefálica**, *constatada e registrada por dois médicos não participantes das equipes de remoção e transplante, mediante a utilização de critérios clínicos e tecnológicos definidos por resolução do Conselho Federal de Medicina. (grifos nossos)*

A Resolução do Conselho Federal de Medicina (CFM) nº 2.173, de 23.11.2017 - DOU de 15.12.2017, define os critérios do diagnóstico de morte encefálica.

A questão espiritual envolvendo a retirada de órgãos do corpo, mesmo após a declaração de morte encefálica não é tema absolutamente pacificado, cabendo lembrar o que nos diz Zalmino Zimmermann, na sua alentada obra intitulada PERISPÍRITO, editada pelo Centro Espírita Allan Kardec, São Paulo, senão vejamos: *"(...) É que, realmente, uma efetiva constatação de morte encefálica no estado atual de nossos conhecimentos, pode, em tese, apenas apontar a possibilidade de um processo desencarnatório, não alcançando, obviamente, nenhuma certeza acerca do tempo em que poderá ocorrer o efetivo desligamento do Espírito (...)."*

Em arremate, o citado autor escreve: *"Entrementes, permanece o conforto da certeza de que na doação desejada, iluminada pelo sentimento de solidariedade, faz-se sempre presente a ostensiva assistência espiritual, cortando possíveis sofrimentos e agasalhando o doador com o manto do bem-estar; e também, de que, sejam quais forem as circunstâncias, tanto com relação ao receptor, como ao doador, vige, soberana, a Lei do Merecimento, sustentando a realidade de que "a vida não erra" (ANDRÉ LUIZ)."* (grifos nossos)

Nessa linha de ponderações, cabe transcrever as palavras do médico espírita Décio Landoli Jr. Em sua obra "Fisiologia Transdimensional - Aspectos da Fisiologia Humana sob uma Visão Espírita", p. 231/232: *"A ruptura do cordão de prata deve ser feita no momento certo, quando já se equilibraram as energias entre os corpos físico e espiritual do desencarnante, e pode ocorrer até muitas horas após a total morte do organismo físico, ou mesmo ser realizada pelo próprio Espírito desencarnante se este for capacitado e preparado para isso. "O apêndice prateado era verdadeira artéria fluídica, sustentando o fluxo e o refluxo dos princípios vitais em readaptação"* (André Luiz, Obreiros da Vida Eterna).

Enquanto ainda houver uma ligação do perispírito com o corpo físico (fio de prata), mesmo após a morte clínica, o Espírito mantém certa sensibilidade, existindo casos até de a pessoa perceber a deterioração de seu corpo físico, situação muito comum nos suicidas. Veja como André Luiz descreve um Espírito sofredor encontrado no cemitério em que enterravam o cadáver de Dimas: *"Compreendi, então, que a desventurada sentia todos os fenômenos da decomposição cadavérica e, examinando-a detidamente, reparei que o fio singular, sem a luz prateada que o caracterizava em Dimas, pendia-lhe da cabeça, penetrando chão adentro".*

Sejam quais forem os nossos temores, tenhamos certeza de que sempre estaremos sendo auxiliados pelos abnegados cireneus da espiritualidade maior quando nos dispusermos a praticar a caridade.

Finalizamos essas breves reflexões com mais um ensinamento colhido na citada obra psicografada por Divaldo P. Franco e de autoria de **Joanna de Ângelis,** intitulada "Dias Gloriosos", capítulo 11, p. 99**:** *"Aquele que oferece conscientemente os órgãos que podem ser úteis, tendo em mente o benefício que podem proporcionar aos seus irmãos enfermos,* ***realiza uma doação de alto teor moral, verdadeira caridade no seu sentido profundo,*** *contribuindo em favor da diminuição das dores na Terra."* (grifos nossos)

Dionysio Dias Filho - Presidente

ATIVIDADE	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Campanha Material Escolar	x	x	05	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Campanha Kit Higiene	x	x		x	x	x	x	x	x	x	x	x
Almoço Beneficente Festa Julina Aniversário CEASA	x	x										
Bazar das mães Bazar de Natal	x	x	x			x	x	x	x	x		
Campanha do Cobertor Ronda	x	x	x	x	21	18	x	x	x	x	x	x
Comemoração Dia das Mães	x	x	x	x	07	x	x	x	x	x	x	x
Comemoração Dia dos Pais	x	x	x	x	x	x	06	x	x	x	x	x
Comemoração Dia das Crianças	x	x	x	x	x	x	x	x	x	01	x	x
Almoço de Domingo	x	05	05 e 12	02 e 15	07 e 20	04	02 e 23	16 e 19	03 e 10	01 e 22	05	03 e 17
Visita aos Asilos	x	x	11	x	x	x	x	x	16	x	x	x
Visita aos Orfanatos	x	11	x	x	x	x	x	12	x	x	x	x
Campanha do Quilo	29	26	26	30	28	25	30	27	24	29	26	17
Ronda do Pão	15	12	19	16	21	18	09	20	17	08	12	10
Doação de cestas Básicas para Comunidade	28	25	25	29	27	24	29	26	23	28	25	16
Doação de Remédios	Quando requisitado por pessoas carentes da nossa comunidade											
Campanha de Natal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	17

DIA	HORÁRIO	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	STATUS
2ªfeira	14h30 às 16h	Escolinha e Apoio	Presencial
2ªfeira	15h às 16h 19h às 20h	Bazar	Presencial
2ª feira	15h30 às 17h	Evangelização Infantil - Crianças da Comunidade	Presencial
2ªfeira	16h às 17h30 20h às 22h	Reunião Pública, Palestra e Passes	Presencial
2ªfeira	19h às 20h	Atendimento Fraterno	Presencial
2ªfeira	20h às 21h	Iniciação Espírita Infantil aos filhos dos frequentadores	Presencial
2ªfeira a 6ª feira	8h às 16h	Coleta de óleo de cozinha	Presencial
2ªfeira e 4ªfeira	16h às 21h30	Secretaria, Biblioteca e Livraria	Presencial
2ªfeira e 4ªfeira	15h às 22h	Cantina	Presencial
4ª feira	18h às 19h15	Oficina da Mente - Idosos	Presencial
4ªfeira	19h30 às 22h	Estudos e Exercício da Mediunidade	Presencial On-line
5ª feira	19h30 às 21h	Estudo Sistematizado da Doutrina	Presencial On-line
5ª feira	19h30 às 21h	Escola de Médiuns	Presencial
6ªfeira	20h às 21h30	Reunião Pública, Palestra e Passes	On-line
1º Sábado do mês	Horário variado	Distribuição de Cesta Básica à Comunidade	Presencial
Sábados agendados	9h às 12h	Visita aos Asilos e Orfanatos	Presencial
Domingo	8h30 às 12h	Almoço de Domingo - Crianças Evangelização e Escolinha de Apoio	Presencial
Domingo	9h30 às 11h	Evangelização Infantil e Juventude	Presencial
2º domingo do mês	8h30 às 13h	Ronda do Pão	Presencial
Último Domingo do mês	9h às 12h	Campanha do Quilo	Presencial

PSICOGRAFIA

"Queridos Irmãos!

Beleza; vibração sincera de vossos corações com profundas verdades eternas.

Felicidade; dádiva que vossos corações desfrutam ou não dependendo das vibrações.

Tolerância; arma poderosa para que vibrações belas e felizes possam ser instaladas em vossos espíritos.

Amor; sentimento pleno de fraternidade universal, preponderante a todos os credos direcionados a nosso Pai Maior.

Muitas Graças!

Um irmão

(mensagem recebida por uma médium, em 15/03/2006)

CANTINHO DO CHICO

MEDIUNIDADE E PROMOÇÃO PESSOAL

"Um dia, perguntei a Emmanuel o que aconteceria, caso a **mediunidade** me subisse à cabeça…

Ele me disse: — Se você tem, eu não tenho vocação para vedete; você ficará com outros Espíritos habituados ao palco; procurarei outro médium ou tratarei de reencarnar… Sinceramente, não consigo entender os companheiros de mediunidade que anseiam por qualquer tipo de **promoção pessoal**; todos eles me merecem o maior respeito, mas eu não vejo na condição de médium qualquer predicado que nos diferencie…

Na história do Espiritismo, os médiuns sempre foram chamados a maior cota de sacrifício; Allan Kardec foi testado de todas as maneiras — dinheiro, vaidade, ingratidão dos amigos, calúnias… Se com ele foi assim, conosco não poderia ser diferente, não é?!

O médium que não se vê constantemente testado, deve começar a desconfiar…

Médium bom é o que apanha — apanha calado e não para de trabalhar!…"

PROGRAMAÇÃO DOUTRINÁRIA

status: - on-line as 6ª feira as 20h - Presencial as 2ª feira 16h e 20h - 4ª feiras 19h30				
SETEMBRO				
DIA	SEM	HORA	TEMA	EXPOSITOR
1/9/23	SEX	20:00	Influência dos Esp. em nossos pens. e atos (L.E. - Questões , 459 a 472)	Nély Mesquita
4/9/23	SEG	16:00	Piedade filial. (E.S.E.- Cap.XIV, itens 1 a 4)	Suely Gomes
4/9/23	SEG	20:00	Piedade filial. (E.S.E.- Cap.XIV, itens 1 a 4)	Mauro Oliveira
6/9/23	QUA	19:30	Devassando o Invisível. Yvone A. Pereira	Antonio Caetano
8/9/23	SEX	20:00	Possessos. (L.E. - Questões , 473 a 480)	Alberto Bezerra
11/9/23	SEG	16:00	Quem é minha mãe e quem são meus irmãos? (E.S.E.- Cap.XIV, itens 5 a 7)	Sonia Gomes
11/9/23	SEG	20:00	Quem é minha mãe e quem são meus irmãos? (E.S.E.- Cap.XIV, itens 5 a 7)	Ubirajara Oliveira
13/9/23	QUA	19:30	Devassando o Invisível. Yvone A. Pereira	Dionysio Dias Filho
15/9/23	SEX	20:00	Convulsionários. (L.E. - Questões , 481 a 483)	Jorge Simas
18/9/23	SEG	16:00	A parentela corporal e a parentela espiritual. (E.S.E.- Cap.XIV, item 8)	Aleuda Gorfin
18/9/23	SEG	20:00	A parentela corporal e a parentela espiritual. (E.S.E.- Cap.XIV, item 8)	Deuza Nogueira
20/9/23	QUA	19:30	Devassando o Invisível. Yvone A. Pereira	Mauro Oliveira
22/9/23	SEX	20:00	Afeição que os Espíritos votam a certas pessoas. (L.E. Questões, 484 a 488)	Antonio Caetano
25/9/23	SEG	16:00	A ingratidão dos filhos e os laços de família. (E.S.E.- Cap.XIV, item 9)	Luciana Rocha
25/9/23	SEG	20:00	A ingratidão dos filhos e os laços de família. (E.S.E.- Cap.XIV, item 9)	Dionysio Dias Filho
27/9/23	QUA	19:30	Devassando o Invisível. Yvone A. Pereira	Gilberto Mesquita
29/9/23	SEX	20:00	Anjos de guarda. Espíritos protetores, familiares. (L.E. - Questões , 489 a 521)	Edna Paz

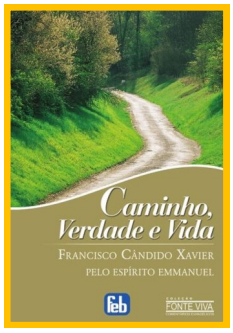
ESTUDO SISTEMATIZADO DA DOUTRINA ESPÍRITA

Cursos	Início	Dia / Semana	Horário	Status
Introdução ao Espiritismo (História do Espiritismo / O que é o Espiritismo?)	02 Mar	5ª feira	19h30 ás 21h	Presencial
Básico ao Espiritismo (O Livro dos Espíritos)	02 Mar	A critério do aluno	A critério do aluno	On-line
Educação Mediúnica (O Livro dos Médiuns)	02 Mar	A critério do aluno	A critério do aluno	On-line
Complementar ao Espiritismo (O Evangelho Segundo o Espiritismo)	02 Mar	A critério do aluno	A critério do aluno	On-line
Complementar ao Espiritismo (O Evangelho Segundo o Espiritismo)	03 Jul	2ª feira	14h30 às 15h30	Presencial
Avançado ao Espiritismo (O Céu e o Inferno)	04 Maio	5ª feira	19h30 ás 21h	Presencial

DATAS IMPORTANTES NA HISTÓRIA DO ESPIRITISMO

MÊS	ANO	DESCRIÇÃO
S E T E M B R O	1813	Dia 27 - Nasce Epes Sargent, no Estado americano de Massachusetts. Autor do livro Bases científicas do Espiritismo.
	1868	Dia 22 - Nascimento de Caibar Schutel.
	1876	Dia 12 - Nascimento de Auta de Souza.
	1883	Dia 09 - Nascimento de Carlos Imbassahy.
	1890	Dia 05 - Desencarna Léa Fox uma das médiuns envolvidas nos fenômenos de Hydesville, ocorridos em 1848, na América do Norte.
	1891	Dia 30 - Nascimento de Leopoldo Machado
	1892	Dia 05 - Desencarna o escritor espírita William Stainton Moses, em Londres, Inglaterra.
	1914	Dia 02 - Desencarna Albert de Rochas.
	1914	Dia 25 - Nascimento de Herculano Pires.
	2007	Dia 03 - Desencarna José Martins Peralva.

MENSAGEM ESPÍRITA



Viver pela Fé

"Mas o justo viverá pela fé." - Paulo. (ROMANOS, - 1;17)

Na epístola aos romanos, Paulo afirma que o justo viverá pela fé.

Não poucos aprendizes interpretaram errada-mente a assertiva. Supuseram que viver pela fé seria executar rigorosamente as cerimônias exteriores dos cultos religiosos.

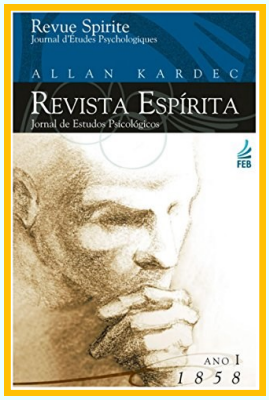
Freqüentar os templos, harmonizar-se com os sacerdotes, respeitar a simbologia sectária, indicariam a presença do homem justo. Mas nem sempre vemos o bom ritualista aliado ao bom homem. E, antes de tudo, é necessário ser criatura de Deus, em todas as circunstâncias da existência.

Paulo de Tarso queria dizer que o justo será sempre fiel, viverá de modo invariável, na verdadeira fidelidade ao Pai que está nos céus.

Os dias são ridentes e tranqüilos? tenhamos boa memória e não desdenhemos a moderação.

São escuros e tristes? confiemos em Deus, sem cuja permissão a tempestade não desabaria. Veio o abandono do mundo? o Pai jamais nos abandona. Chegaram as enfermidades, os desenganos, a ingratidão e a morte? eles são todos bons amigos, por trazerem até nós a oportunidade de sermos justos, de vivermos pela fé, segundo as disposições sagradas do Cristianismo.

Emmanuel



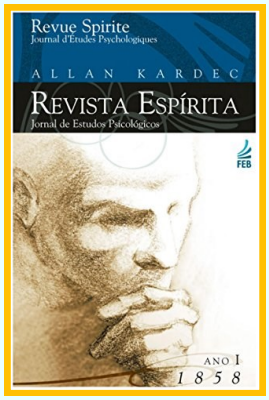
Revista Espírita Agosto de 1858

HABITAÇÕES NO PLANETA JÚPITER

Se há um fato que gera perplexidade entre certas pessoas convencidas da existência dos Espíritos – não nos ocuparemos aqui das outras – é seguramente a existência de habitações em suas cidades, tal como ocorre entre nós. Não me pouparam de críticas: "Casas de Espíritos em Júpiter!... Que gozação!..." – Que seja, nada tenho a ver com isso. Se o leitor aqui não encontra, na verossimilhança das explicações, uma prova suficiente de sua veracidade; se, como nós, não se surpreende com a perfeita concordância das revelações espíritas com os dados mais positivos da ciência astronômica; numa palavra, se não vê senão uma hábil mistificação nos detalhes que se seguem e no desenho que os acompanha, eu o convido a pedir explicação aos Espíritos, de quem sou apenas o instrumento e o eco fiel. Que ele evoque Palissy ou Mozart, ou outro habitante desse mundo bem-aventurado; que sejam interrogados, que minhas afirmações sejam controladas pelas suas; que, enfim, discutam com eles. Quanto a mim, apenas apresento o que me foi dado, repetindo somente o que me foi dito. E, por esse papel absolutamente passivo, creio-me ao abrigo tanto da censura quanto do elogio.

Feita essa ressalva, e uma vez admitida a confiança nos Espíritos, se se aceitar como verdadeira a única doutrina realmente bela e sábia que a evocação dos Espíritos nos revelou até aqui, isto é, a migração das almas de planeta em planeta, suas encarnações sucessivas e seu progresso incessante pelo trabalho, as habitações de Júpiter não nos deverão mais causar admiração. Desde que o Espírito se encarna num mundo submetido, como o nosso, a uma dupla revolução, isto é, à alternativa de dias e noites e ao retorno periódico das estações; desde que tenha um corpo, por mais frágil seja esse envoltório material, não reclama apenas alimentação e vestuário, mas, também, um abrigo ou, pelo menos, um local de repouso, conseqüentemente uma casa. Com efeito, foi exatamente isso que nos disseram. Como nós, e melhor que nós, os habitantes de Júpiter têm seus lares comuns e suas famílias, grupos harmoniosos de Espíritos simpáticos, unidos no triunfo depois de o haverem sido na luta. Daí as moradas tão espaçosas, que podemos chamar, merecidamente, de palácios. Como nós, ainda, esses Espíritos têm suas festas, suas cerimônias, suas reuniões públicas, o que explica a existência de edifícios especialmente destinados a essas finalidades. Finalmente, devemos encontrar nessas regiões superiores toda uma Humanidade, ativa e laboriosa como a nossa, como nós submetida a leis, necessidades e deveres, com a só diferença de que o progresso, rebelde aos nossos esforços, torna-se conquista fácil para os Espíritos que já se despojaram de nossos vícios terrestres.

Continua...



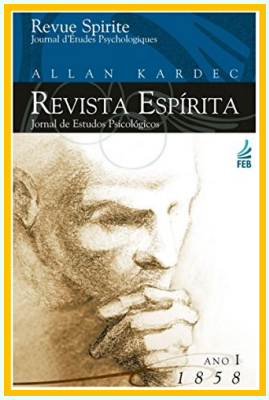
(Continuação artigo da Revista Espírita Agosto / 1858)

Não deveria ocupar-me aqui senão da arquitetura de suas habitações; contudo, para a exata compreensão dos detalhes que se seguem, uma palavra de explicação não será inútil. Se Júpiter só é acessível aos Espíritos bons, daí não se segue que sejam excelentes no mesmo grau todos os seus habitantes: entre a bondade do simples e o homem de gênio, é permitido contar vários matizes. Ora, toda a organização social desse mundo superior repousa precisamente sobre as variedades de inteligência e de aptidões, cabendo aos Espíritos superiores, aos mais depurados, por efeito de leis harmoniosas cuja explicação seria muito longa apresentar aqui, a alta direção de seu planeta. Essa supremacia não se detém aí, estendendo-se até os mundos inferiores, onde esses Espíritos, por sua influência, favorecem e ativam incessantemente o progresso religioso, gerador dos demais. É preciso acrescentar que para esses Espíritos depurados não haveria senão trabalhos intelectuais, pois suas atividades só se exercem no domínio do pensamento e eles já conquistaram bastante império sobre a matéria para não serem senão debilmente entravados por ela no livre exercício de sua vontade. O corpo desses Espíritos, como aliás o de todos os que habitam Júpiter, é de uma densidade tão leve que só encontra termo de comparação nos fluidos imponderáveis: um pouco maior do que o nosso, do qual reproduz exatamente a forma, embora mais pura e mais bela, ele se nos apresentaria sob a aparência de um vapor, termo que emprego a contragosto, por designar uma substância ainda muito grosseira; de um vapor, dizia eu, impalpável e luminoso... luminoso sobretudo nos contornos do rosto e da cabeça, porquanto ali a inteligência e a vida irradiam-se como um foco muito ardente. E é justamente esse brilho magnético, entrevisto pelos visionários cristãos, que nossos pintores traduziram pelo nimbo ou auréola dos santos.

Compreende-se que um tal corpo em nada dificulte as comunicações extramundanas desses Espíritos, permitindo-lhes, em seu planeta, um deslocamento pronto e fácil. Ele se subtrai tão facilmente à atração planetária, e sua densidade difere tão pouco daquela da atmosfera, que nela pode agitar-se, ir e vir, descer ou subir ao capricho do Espírito e sem outro esforço senão a vontade. Assim, algumas personagens que Palissy teve a gentileza de me fazer desenhar estão representados tocando o solo levemente ou a superfície das águas, ou ainda bastante elevadas no ar, com inteira liberdade de ação e de movimentos que atribuímos aos anjos. Quanto mais depurado o Espírito, tanto mais fácil é essa locomoção, o que se concebe sem dificuldade; nada também é mais fácil aos habitantes do planeta do que avaliar, logo à primeira vista, o valor de um Espírito que passa; dois sinais falarão por ele: a altura de seu vôo e a luz mais ou menos brilhante de sua auréola.

Em Júpiter, como em toda parte, os que alçam vôos mais altos são os mais raros; abaixo deles, é preciso contar várias camadas de Espíritos inferiores, tanto em virtude quanto em poder, mas naturalmente livres para os igualarem um dia, quando se aperfeiçoarem. Escalonados e classificados conforme os seus méritos, estes se dedicam mais particularmente aos trabalhos que interessam ao próprio planeta, não exercendo, sobre os mundos inferiores, a autoridade toda poderosa dos primeiros.

Continua...



(Continuação artigo da Revista Espírita Agosto / 1858)

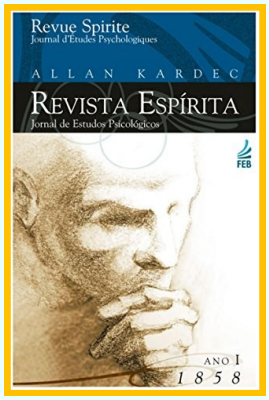
É verdade que respondem a uma evocação, através de revelações sábias e boas, mas, pela presteza que demonstram em nos deixar e pelo laconismo de suas palavras, é fácil compreender que têm muito o que fazer em outra parte, e que não se encontram ainda suficientemente desprendidos para se fazerem irradiar simultaneamente em dois pontos tão distantes um do outro. Enfim, seguindo os menos perfeitos desses Espíritos, mas deles separados por um abismo, vêm os animais que, como únicos serviçais e únicos trabalhadores do planeta, merecem uma menção toda especial. estes se dedicam mais particularmente aos trabalhos que interessam ao próprio planeta, não exercendo, sobre os mundos inferiores, a autoridade toda poderosa dos primeiros.

Se designamos pelo nome de animais os seres bizarros que ocupam a base da escala, é porque os próprios Espíritos o utilizaram e também em razão de nossa língua não dispor de melhor termo para nos oferecer. Essa designação os avilta bastante; chamálos, porém, de homens seria conceder-lhes muita honra; de fato, são Espíritos votados à animalidade, talvez por muito tempo ou, quem sabe, para sempre. Contudo, nem todos os Espíritos são concordes com esse ponto e a solução do problema parece pertencer a mundos mais elevados que Júpiter; seja qual for o seu futuro, entretanto, não há equívocos sobre o seu passado. Antes de ir para lá, esses Espíritos emigraram sucessivamente em nossos mundos inferiores, do corpo de um ao de outro animal, através de uma escala de aperfeiçoamento perfeitamente graduada. O estudo atento de nossos animais terrestres, seus costumes, suas características individuais, sua ferocidade longe do homem e sua domesticação lenta, mas sempre possível, tudo indica suficientemente a realidade dessa ascensão animal.

Desse modo, para qualquer lado que nos voltemos, a harmonia do Universo se resume sempre em uma única lei: o progresso, por toda parte e para todos, para o animal como para a planta, para planta como para o mineral; progresso puramente material, a princípio, nas moléculas insensíveis do metal ou do calhau, para tornar-se cada vez mais inteligente à medida que ascendemos à escala dos seres e que a individualidade tende a desembaraçar-se da massa, a afirmar-se, a conhecer-se. Pensamento elevado e consolador, jamais imaginado antes, porquanto nos prova que nada é sacrificado, que a recompensa é sempre proporcional ao progresso realizado; o devotamento do cão, por exemplo, que morre pelo dono, não é estéril para o seu Espírito, cujo salário justo haverá de receber além deste mundo.

É o caso dos Espíritos animais que povoam Júpiter; eles se aperfeiçoaram ao mesmo tempo que nós, conosco e com o nosso auxílio. A lei é mais admirável ainda: faz tão bem de seu devotamento ao homem a primeira condição de sua ascensão planetária, que a vontade de um Espírito de Júpiter pode chamar a si todo animal que, numa de suas vidas anteriores, lhe haja dado provas de afeição. Essas simpatias, que lá no alto formam famílias de Espíritos, também agrupam em torno das famílias todo um cortejo de animais devotados. Em conseqüência, nosso apego neste mundo por um animal, o cuidado que tomamos de domesticá-lo e de humanizá-lo, tudo isso tem sua razão de ser, tudo será pago: é um bom ajudante que preparamos antecipadamente para um mundo melhor.

Continua...



(Continuação artigo da Revista Espírita Agosto / 1858)

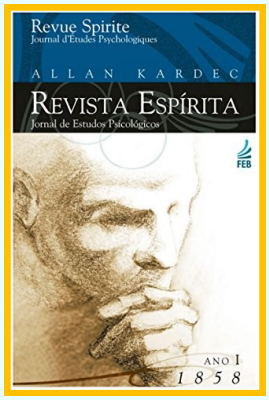
Será assim um operário, porquanto aos seus semelhantes está reservado todo trabalho material, toda tarefa corporal: carga ou obras pesadas, semeadura ou colheita. E para tudo isso a Suprema Inteligência preparou um corpo que participa ao mesmo tempo das vantagens do animal e do homem. Podemos fazer uma avaliação pelo esboço de Palissy, representando alguns desses animais muito aplicados em jogar bola. Eu não os poderia melhor comparar senão aos faunos e aos sátiros da Fábula; o corpo, levemente peludo é, entretanto, aprumado como o nosso; entre alguns as patas desapareceram, dando lugar a certas pernas que ainda lembram a forma primitiva, os dois braços robustos, singularmente implantados e terminados por verdadeiras mãos, se levarmos em conta a oposição dos polegares. Coisa bizarra: a cabeça não é tão aperfeiçoada quanto o resto! Dessa forma, a fisionomia reflete bem alguma coisa de humano, mas o crânio, o maxilar e, sobretudo, a orelha não apresentam diferenças sensíveis em relação aos animais terrestres. É, pois, fácil distingui-los entre si: este é um cão, aquele é um leão. Convenientemente vestidos com blusas e vestes muito semelhantes às nossas, eles só faltam falar para lembrar de bem perto certos homens daqui; eis precisamente o que lhes falta e que não poderiam fazer. Hábeis para se entenderem entre si, por meio de uma linguagem que nada tem da nossa, não mais se enganam sobre as intenções dos Espíritos que os comandam: basta um olhar, um gesto. A certos abalos magnéticos, dos quais nossos domadores de bestas já conhecem o segredo, o animal advinha e obedece sem murmurar e, melhor ainda, com boa vontade, porque está fascinado. É desse modo que lhe é imposta toda a tarefa pesada e que, com seu auxílio, tudo funciona regularmente de um extremo ao outro da escala social: o Espírito elevado pensa e delibera, o espírito inferior age com sua própria iniciativa e o animal executa. Assim, a concepção, a execução e o fato se unem numa mesma harmonia, levando todas as coisas a uma solução mais rápida, pelos meios mais simples e mais seguros.

Pedimos desculpas por essa digressão: ela era indispensável ao assunto que agora podemos abordar.

Enquanto aguardamos as cartas prometidas, que facilitarão singularmente o estudo de todo o planeta, podemos, pelas descrições feitas pelos Espíritos, fazer uma idéia de sua grande cidade, da cidade por excelência, desse foco de luz e de atividade que eles concordam estranhamente em designar pelo nome latino de Julnius.

"No maior de nossos continentes – diz Palissy – em um vale de setecentas a oitocentas léguas de largura, para contar como vós, um rio magnífico desce das montanhas do norte e, engrossado por uma porção de torrentes e de ribeirões, forma em seu percurso sete ou oito lagos, dos quais o menor mereceria entre vós o nome de mar. Foi sobre as margens do maior desses lagos, por nós batizado com o nome de Pérola, que nossos antepassados lançaram os primeiros fundamentos de Julnius. Essa cidade primitiva ainda existe, venerada e guardada como preciosa relíquia. Sua arquitetura difere muito da vossa. Explicar-vos-ei tudo isso em seu devido tempo; por ora ficai sabendo que a cidade moderna está apenas a algumas centenas de metros abaixo da antiga. Limitado entre altas montanhas, o lago se derrama no vale por oito enormes cataratas, que formam outras tantas correntes isoladas e dispersas em todos os sentidos.

Continua...



(Continuação artigo da Revista Espírita Agosto / 1858)

Com o auxílio dessas correntes, cavamos na planície uma porção de riachos, canais e pequenos lagos, reservando a terra firme apenas para nossas casas e jardins. Disso resultou uma espécie de cidade anfíbia, como vossa Veneza e da qual, à primeira vista, não se poderia dizer se está construída na terra ou sobre a água. Nada vos direi hoje de quatro edifícios sagrados, construídos sobre a própria vertente das cataratas, de sorte que a água jorra aos borbotões de seus pórticos: são obras que vos pareceriam incríveis em grandeza e em ousadia.

"É a cidade terrestre que descrevo aqui, de certo modo material, a cidade das ocupações planetárias, a que chamamos, enfim, de Cidade baixa. Tem suas ruas ou, melhor dizendo, seus caminhos traçados para o serviço interno; tem suas praças públicas, seus pórticos e suas pontes lançadas sobre canais para a passagem dos serviçais. Mas a cidade inteligente, a cidade espiritual, a verdadeira Julnius, finalmente, não se encontra na Terra: é preciso que se a procure no ar.

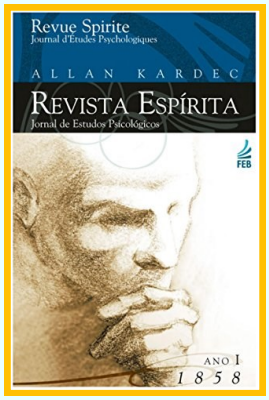
"O corpo material dos animais incapazes de voar 52 necessita de terra firme; mas o que o nosso corpo fluídico e luminoso exige é uma habitação aérea como ele, quase impalpável e móvel, a nosso bel-prazer. Nossa habilidade resolveu esse problema, auxiliada pelo tempo e pelas condições privilegiadas que o Grande Arquiteto nos havia concedido. Compreende bem que essa conquista dos ares era indispensável a Espíritos como os nossos. Nosso dia tem a duração de cinco horas, e nossa noite igualmente dura o mesmo tempo; mas tudo é relativo e, para seres aptos a pensar e a agir como o fazemos, para Espíritos que se compreendem pela linguagem dos olhos e que sabem comunicar-se magneticamente a distância, nosso dia de cinco horas já igualaria uma de vossas semanas. Em nossa opinião era ainda muito pouco; e a imobilidade da morada, o ponto fixo do lar eram um entrave para todas as nossas grandes obras. Hoje, pelo deslocamento rápido dessas moradas de pássaros, pela possibilidade de nos transportarmos, bem como os nossos, a tal ou qual endereço do planeta e à hora do dia que nos apraza, nossa existência pelo menos dobrou e, com ela, tudo quanto se possa conceber de útil e de grandioso.

"Em determinadas épocas do ano – aduz o Espírito – em certas festas, por exemplo, verás aqui o céu obscurecido pela nuvem de habitações que nos vem de todos os pontos do horizonte. É um curioso agregado de moradias esbeltas, graciosas, leves, de todas as formas, de todas as cores, equilibradas em diferentes alturas e continuamente em marcha, da cidade baixa para a cidade celeste: alguns dias depois, faz-se o vácuo pouco a pouco e todos esses pássaros desaparecem.

"Nada falta nessas moradas flutuantes, nem mesmo o encanto da verdura e das flores. Refiro-me a uma vegetação que não encontra paralelo entre vós, de plantas e até de arbustos que, pela natureza de seus órgãos, respiram, alimentam-se, vivem e se reproduzem no ar.

"Temos – diz ainda o mesmo Espírito – esses tufos de flores enormes, cujas formas e matizes nem podeis imaginar, e de uma leveza de tecido tão delicada que os torna quase transparentes. Balançando no ar, sustentados por grandes folhas e munidos de gavinhas semelhantes às da videira, reúnem-se em nuvens de mil tonalidades ou se dispersam ao sabor do vento, oferecendo um espetáculo encantador aos viandantes da cidade baixa...

Continua...



(Continuação artigo da Revista Espírita Agosto / 1858)

Imagina a graça dessas jangadas de verdura, desses jardins flutuantes que nossa vontade pode fazer e desfazer e que, algumas vezes, duram toda uma estação! Longas fieiras de lianas e de ramos floridos destacamse dessas alturas e se dependuram até o solo; cachos enormes se agitam, despetalando-se e liberando perfume... Os Espíritos que se deslocam no ar param à sua passagem: é um lugar de repouso e de encontro, ou, se quisermos, um meio de transporte para terminar a viagem sem fadiga e em boa companhia."

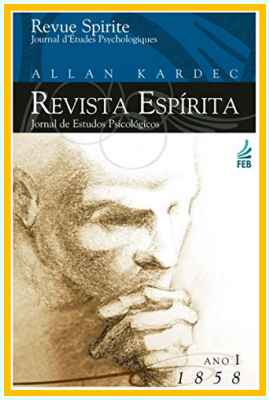
Um outro Espírito estava sentado sobre uma dessas flores no momento em que o evoquei. Disse-me ele: "Neste instante é noite em Julnius, e me encontro sentado a distância sobre uma dessas flores aéreas que aqui desabrocham somente à claridade de nossas luas. Sob meus pés, toda a cidade baixa está entregue ao sono; sobre minha cabeça e ao meu redor, contudo, e a perder de vista, não há senão movimento e alegria no espaço. Dormimos pouco: nossa alma encontra-se muito desprendida para que as necessidades do corpo a tiranizem, e a noite é feita mais para os nossos servos do que para nós. É a hora das visitas e das longas conversas, dos passeios solitários, dos devaneios, da música... Só vejo moradas aéreas, resplandecentes de luz, ou guirlandas de folhas e flores carregadas de bandos alegres... A primeira de nossas lua ilumina toda a cidade baixa: é uma luz suave, comparável à dos vossos luares; mas, ao lado do lago, a segunda se eleva, emitindo reflexos esverdeados que dão a todo o rio o aspecto de um vasto prado..."

É sobre a margem direita desse rio, diz o Espírito, "cuja água te ofereceria a consistência de um leve vapor"53, que está construída a casa de Mozart, que por meu intermédio Palissy houve por bem reproduzir sobre o cobre. Só apresento aqui a fachada sul. A grande entrada fica à esquerda, dando para a planície; à direita fica o rio; os jardins estão localizados ao norte e ao sul. Perguntei a Mozart quais eram seus vizinhos. – "Mais acima – disse ele – e mais embaixo, dois Espíritos que não conheces; mais à esquerda, apenas uma grande campina me separa do jardim de Cervantes."

Como as nossas, portanto, a casa tem quatro faces, laborando em erro se disso fizéssemos uma regra geral. É construída com certa pedra que os animais extraem das pedreiras do norte e cuja cor o Espírito compara a esses tons esverdeados que muitas vezes toma o azul do céu no momento em que o sol se põe. Quanto à sua rigidez, podemos fazer uma idéia por essa observação de Palissy: "que ela se fundiria sob a pressão de nossos dedos humanos tão depressa quanto um floco de neve; mesmo assim, ainda é uma das matérias mais resistentes do planeta! Nessas paredes os Espíritos esculpiram ou incrustaram estranhos arabescos, que o desenho procura reproduzir. São ornamentos gravados na pedra e coloridos em seguida, ou incrustações que restabelecem a solidez da pedra verde, através de um processo que no momento desfruta de grande popularidade e que nos vegetais conserva toda a graça de seus contornos, toda a delicadeza de seus tecidos, toda a riqueza de seu colorido. E o Espírito acrescenta: "Uma descoberta que fareis qualquer dia e que entre vós mudará muita coisa."

A grande janela da direita apresenta um exemplo desse gênero de ornamentação: um de seus bordos nada mais é que uma enorme cana, cujas folhas foram conservadas. O mesmo ocorre no coroamento da janela principal, que afeta a forma da clave de sol: são plantas sarmentosas, enlaçadas e incrustadas.

Continua...



(Continuação artigo da Revista Espírita Agosto / 1858)

É por esse processo que eles obtêm a maior parte do coroamento dos edifícios, portões, balaústres, etc. Muitas vezes a planta é colocada na parede com as raízes e em condições de crescer livremente. Cresce e se desenvolve; suas flores desabrocham ao acaso, e o artista não as incrustou no lugar senão quando adquiriram todo o desenvolvimento requerido para a ornamentação do edifício: a casa de Palissy é decorada quase inteiramente dessa maneira.

Destinados inicialmente apenas aos móveis, depois às molduras de portas e janelas, esse gênero de ornamentos aperfeiçoou-se pouco a pouco e acabou por invadir toda a arquitetura. Hoje, não se incrusta somente as flores e os arbustos, mas a própria árvore, da raiz até a copa; e os palácios, como os edifícios, praticamente não têm outras colunas.

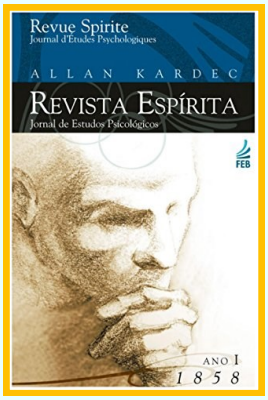
Uma incrustação da mesma natureza serve também para decorar as janelas. Flores ou folhas muito grandes são habilmente despojadas de sua parte carnuda, restando apenas um feixe de fibras tão finas quanto a mais fina musselina. Cristalizam-nas; e dessas folhas reunidas com arte constrói-se uma janela inteira, que apenas filtra para o interior uma luz muito suave; ou, ainda, são revestidas de uma espécie de vidro liqüefeito e colorido de todos os matizes que se cristaliza no ar, transformando a folha numa espécie de vidraça. Da disposição dessas folhas nas janelas resultam encantadores buquês, transparentes e luminosos!

Quanto às dimensões dessa aberturas e a mil outros detalhes que podem surpreender à primeira vista, vejo-me forçado a adiar a explicação: a história da arquitetura em Júpiter demandaria um volume inteiro. Renuncio também a falar sobre o mobiliário para aqui me ater tão-somente à disposição geral da casa.

O leitor deve ter compreendido, de tudo que precede, que a casa do continente não deve ser para o Espírito mais que uma espécie de pousada provisória. A cidade baixa quase que só é freqüentada por Espíritos de segunda ordem, encarregados dos interesses planetários – da agricultura, por exemplo, ou das trocas, e da boa ordem que deve ser mantida entre os serviçais. Dessa forma, todas as casas situadas no solo só dispõem do térreo e do andar superior: um destinado aos Espíritos que atuam sob a direção do senhor, e acessível aos animais; o outro, reservado tão-somente ao Espírito, que aí reside apenas ocasionalmente. É isso que explica o fato de vermos, nas diversas habitações de Júpiter, nesta, por exemplo, e na de Zoroastro, uma escadaria e, até mesmo, uma rampa. Aquele que rasa a água, como a andorinha, e que pode correr sobre as hastes do trigo sem as curvar, passa muito bem sem a escadaria e sem a rampa para penetrar em sua casa; mas os Espíritos inferiores não têm o vôo tão fácil; não se elevam senão aos solavancos e nem sempre a rampa lhes é inútil. Enfim, a escadaria é de absoluta necessidade para os animais-serviçais, que apenas caminham como nós. Estes últimos têm seus pavilhões, aliás muito elegantes, e que fazem parte de todas as grandes habitações; mas suas funções os chamam, constantemente, à casa do senhor: é necessário facilitar-lhes a entrada e o percurso interior. Daí essas construções bizarras, cuja base lembra muito nossos edifícios terrestres, mas deles diferindo por completo na parte superior.

Esta se distingue, sobretudo, por uma originalidade que seríamos absolutamente incapazes de imitar.

Continua...



(Continuação artigo da Revista Espírita Agosto / 1858)

É uma espécie de flecha aérea que se balança no alto do edifício, acima da grande janela e de seu singular coroamento. Esse frágil mastaréu, fácil de ser deslocado, destina-se, no pensamento do artista, a não deixar o lugar que lhe está assinalado porque, sem se apoiar em coisa alguma na parte superior, complementa-lhe a decoração; lamento que a dimensão da prancha não lhe tenha permitido encontrar um lugar aí. Quanto à morada aérea de Mozart, apenas constato a sua existência: os limites deste artigo não permitem que me estenda sobre este assunto.

Não terminarei, entretanto, sem dar explicações a propósito do gênero de ornamentos que o grande artista escolheu para sua morada. Nele é fácil reconhecer a lembrança de nossa música terrestre: a clave de sol é ali freqüentemente reproduzida e, coisa bizarra, jamais a clave de fá! Na decoração do térreo, encontramos um arco, uma espécie de tiorba ou bandolim, uma lira e uma pauta completa de música. Mais alto, é uma grande janela que lembra vagamente a forma de um órgão; as outras têm a aparência de grandes notas, enquanto notas menores são abundantes por toda a fachada.

Seria erro concluir que a música de Júpiter seja comparável à nossa, e que se represente pelos mesmos sinais: Mozart explicou-se sobre isso, de maneira a não deixar qualquer dúvida; mas na decoração de suas casas os Espíritos lembram, com prazer, a missão terrestre que lhes fez merecer a encarnação em Júpiter e que melhor resume o caráter de sua inteligência. Assim, na residência de Zoroastro, os astros e a chama constituem os únicos detalhes da decoração.

Há mais; parece que esse simbolismo tem suas regras e seus segredos. Nem todos esses ornamentos estão dispostos ao acaso: têm sua ordem lógica e sua significação precisa; mas é uma arte que os Espíritos de Júpiter renunciam a nos fazer entender, pelo menos até hoje, e sobre a qual não se explicam de bom grado. Nossos velhos arquitetos também empregaram o simbolismo na decoração de suas catedrais; a torre de Saint-Jacques não passa de um poema hermético, a acreditarmos na tradição. Nada há, pois, para nos admirarmos da originalidade da decoração arquitetônica em Júpiter: se contradiz nossas idéias sobre a arte humana é que, com efeito, existe um completo abismo entre uma arquitetura que vive e fala, e o primitivismo da nossa, que nada exprime. Nisso, como em qualquer outra coisa, a prudência nos proíbe esse erro do relativo, que quer tudo reduzir às proporções e aos hábitos do homem terreno. Se os habitantes de Júpiter morassem como nós, comessem, vivessem, dormissem e andassem como nós, não haveria grande vantagem em ascender até lá. É justamente porque seu planeta difere bastante do nosso que desejamos conhecê-lo e com ele sonhar como nossa futura morada!

De minha parte, não terei perdido tempo e serei muito feliz por me haverem os Espíritos escolhido como intérprete, se seus desenhos e inscrições inspirarem a um só crente o desejo de subir mais rápido para Julnius, e a coragem de tudo fazer para o conseguir.

Victorien Sardou.

JOGO DOS 7 ERROS

POESIA ESPÍRITA

Balada Maternal

Age buscando o bem, alma querida!
Passa na vida a semear dulçores...
Colherás flores em quaisquer caminhos,
Terás carinhos em crisóis de dores!

Tu que não crês no mal, segue cantando,
Bênçãos plantando nos sendais agrestes...
Se tuas vestes mil espinhos rasgam,
Teu peito afagam vibrações celestes!

Se lágrimas rebrilham-te nos olhos,
Vence os abrolhos com gentil sorriso...
Guarda no aviso o coração desperto,
Pois fulge perto o Sol do Paraíso!

Entre os acúleos da escarpada via,
Doce alegria os passos te conduz...
A cruz é a porta de esplendentes eras,
Nas primaveras da celeste luz!

Segue, portanto, coração querido,
sem dar ouvido a mágoas ou temores...
Após as dores da escalada ingente,
Terás somente o amor dos teus amores!

Letícia

Poema psicografado por Hernani T. Sant'Anna, na Federação Espírita Brasileira, no Rio de Janeiro-RJ, na noite de 8 de dezembro de 1977.

PÉROLAS DO EVANGELHO

"Homens incrédulos! Se soubésseis quão grande bem faz a fé ao coração e como induz a alma ao arrependimento e à prece!

A prece! ah!... como são tocantes as palavras que saem da boca daquele que ora!

A prece é o orvalho divino que aplaca o calor excessivo das paixões.

Filha primogênita da fé, ela nos encaminha para a senda que conduz a Deus. "

– Santo Agostinho. (Paris, 1861.)

(Cap XXVIII - Pedi e Obtereis - Instruções dos Espíritos - Felicidade que a Prece Proporciona)

CAIRBAR DE SOUZA SCHUTEL

Nascimento	Falecimento
22-09-1868	**30-01-1938**

Cairbar de Souza Schutel, filho de Antero de Souza Schutel e Rita Tavares de Souza Schutel, nasceu na cidade do Rio de Janeiro e desencarnou na cidade de Matão, estado de São Paulo.

Ficou órfão de pai e de mãe antes dos 10 anos.

O avô, Dr. Henrique Schutel, tomou o neto a seus cuidados, matriculando-o no Imperial Colégio Pedro II, onde estudou até o segundo ano.

Largou os estudos para trabalhar como prático de farmácia, em horário integral, pois não queria depender de ninguém.

Aos 17 anos, deixou o Rio de Janeiro para fixar residência na cidade de Matão, São Paulo.

Cidade esta que foi promovida a Município graças à participação de Cairbar, que veio a ser o primeiro presidente de sua Câmara Municipal (prefeito).

Casou-se com D. Maria Elvira da Silva, mas não tiveram filhos.

Cairbar participou, certa ocasião, de um trabalho mediúnico onde, graças às respostas de seres inteligentes, dadas através de pancadas batidas por uma mesinha, ficou convencido da existência dos Espíritos.

Várias mediunidades lhe surgiram, sobressaindo-se a da psicografia, por meio da qual seu pai se manifestou. Foi o suficiente para ele dedicar-se ao estudo da Doutrina Espírita.

Em 15/julho/1905, fundou o Centro Espírita AMANTES DA POBREZA, primeiro naquela região paulista.

Em 15/8/1905, fundou o jornal "O CLARIM".

Em 15/02/1925, lançou a "Revista Internacional do Espiritismo, com o auxílio de Luís Carlos de Oliveira Borges, que lhe franqueou os meios materiais. Esta revista circula até hoje, apresentando o aspecto científico do Espiritismo, através de trabalhos realizados por eminentes personalidades espíritas como Oliver Lodge, Conan Doyle, Charles Richet, Ernesto Bozzano, Gabriel Delanne e muitos outros.

Além desse trabalho, escreveu e editou, desde 1911, as seguintes obras: "Gênese da Alma"; "Espiritismo e Protestantismo"; "Histeria dos Fenômenos Psíquicos"; "O Diabo e a Igreja"; "Médiuns e Mediunidades"; "Parábolas e Ensinos de Jesus";" Espiritismo para Crianças".

Continua...

Como jornalista, escrevia para uma seção de crônicas e reportagens no "Correio Paulistano" e na "Platéia".

O sentimento de amor ao próximo teve nele um modelo digno de ser imitado. Sua residência transformou-se em uma espécie de "CASA DE POBRES", pois, diariamente, muitas pessoas saíam de lá carregando víveres, roupas, remédios e até lenha.

Sua casa chegou a ser transformada em um manicômio de emergência, recolhendo ali pessoas obsidiadas que eram devidamente tratadas ou encaminhadas para tratamento adequado. Eram tantos os enfermos que precisou alugar uma casa maior para atender a demanda.

Segundo o professor Ismael Gomes Braga, o segredo do dinamismo multiforme de Cairbar residia em "que ele vivia realmente a Doutrina não somente a pregava."

Cairbar Schutel é conhecido no meio espírita como **"O APÓSTOLO DE MATÃO"** e o Espiritismo teve nele zeloso e esforçado propagador e um dos mais ardentes idealistas.

Sua memória é cultivada com carinho e admiração.

JOANNA DE ÂNGELIS RESPONDE

Fala-se muito em humildade. Cite alguns traços característicos da humildade.

Virtude excelente, é precioso aroma de sutil característica que vitaliza os que a conduzem.

Toma diversas aparências conforme as necessidades das circunstâncias em que se manifesta. Aqui é renúncia, cedendo a benefício geral, esquecida de si mesma; adiante é perdão a serviço da paz de todos; além é bondade discreta, produzindo esperança; hoje é indulgência para oferecer nova oportunidade; amanhã é beneficência para manter a misericórdia; é sempre a presença de Jesus edificando a felicidade onde quer que escasseie a colheita de luz.

A humildade, porém, somente é possível quando inspirada nos ideais da verdade. Enquanto o homem não se abrasa da certeza da vida superior, a humildade não lhe encontra guarida.

Todos os grandes heróis do pensamento, os mártires da fé e os santos da renúncia, para lobrigarem o êxito dos objetivos a que ligaram a existência, se firmaram na humildade por saberem do pouco valor que representavam ante as grandes diretrizes da vida.

A humildade, em última análise, representa submissão à vontade de Deus, doação plena e total às Suas mãos, deixando-se conduzir pela Sua diretriz segura que governa o Universo.

(Florações Evangélicas - 2 edição - p. 112/113)